

**Diálogo, conhecimento e ação: reflexões a partir de uma pesquisa de base  
censitária no bairro Maré, RJ**

*Adriana Bezerra do Nascimento Pinheiro*  
drika.bnp@gmail.com  
UFRJ

*Alexandre Dias da Silva*  
diasocialistas@gmail.com  
UFRJ

*Bárbara Macedo Mendonça*  
babimmendonca@yahoo.com.br  
UFRJ

*Caroline dos Santos Maia*  
carolmaia\_santos@yahoo.com.br  
UFRJ

*Dayana Lima da Silva*  
dayanald@gmail.com  
UFRJ

*Diogo Bezerra do Nascimento*  
cabecadesino@gmail.com  
UFRJ

*Elizabeth Moura de Oliveira*  
elizabtmo@gmail.com  
UFRJ

*Elza Maria Cristina Laurentino de Carvalho*  
elza.algoz@gmail.com  
UFRJ

*Fábio Monteiro de Melo*  
pazebem\_rj@yahoo.com.br  
UFRJ

*Jefferson Silva de Paulo*  
je\_de\_paulo@yahoo.com.br  
UFRJ

*Julia Mendes Selles*  
juliamentdesselles@yahoo.com.br  
UFRJ

*Kleber Merlim Moreira*  
krebs\_51@hotmail.com  
UFRJ

*Mariluci Correia do Nascimento*  
mariluci.nascimento@gmail.com  
UFRJ

*Rebeca Cardoso Luciano*  
rebeca\_luciano@yahoo.com.br  
UFRJ

*Renata Alves Gomes*  
renata\_sublime@yahoo.com.br  
UFRJ

*Schneider F. R. Souza*  
schneidersouza@gmail.com  
UFRJ

*Suelen Alexandre da Silva*  
suelen\_alexandre.silvaa@yahoo.com.br  
UFRJ

## **Resumo**

Este trabalho reflete sobre as implicações de uma abordagem dialógica e participativa, seguindo princípios pedagógicos de Paulo Freire, na condução de uma pesquisa quantitativa sobre gosto musical e acesso à música na Maré, Rio de Janeiro. Concebida, aplicada e analisada por um grupo de moradores, em diálogo com acadêmicos das áreas de etnomusicologia e estatística, tal pesquisa teve como meta a produção de indicadores para reflexões acerca do local em que foram produzidas e, particularmente, da dinâmica das relações sociais expressas nas respostas aos 931 questionários aplicados. Os resultados aqui debatidos apontam não somente para uma crítica ao instrumento de produção de dados, mas também à necessidade de pesquisas qualitativas posteriores.

**Palavras-chave:** música, pesquisa participativa, métodos quantitativos

## *Abstract*

*This paper reflects upon the implications of a dialogic and participatory approach, following Paulo Freire's pedagogical principles, in carrying a quantitative research on musical taste and access to music at Maré, Rio de Janeiro. Conceived, applied and analyzed by a group of residents, in dialogue with academics in ethnomusicology and statistics, this research has as goal the productions of data to foster further reflection on the place in which they were produced and, in particular, the dynamics of social relations expressed in the answers to the applied 931 questionnaires. The results here discussed point at not only a critique of the data collection instrument, but also to the necessity of further qualitative research.*

*Keywords: music, participatory research, quantitative methods*

Buscamos, através desta comunicação, apresentar uma reflexão mais aprofundada sobre uma pesquisa quantitativa de base censitária, no bairro Maré, Rio de Janeiro.

Discutiremos também a metodologia utilizada neste processo, ressaltando a importância do papel do pesquisador nativo, considerando ser esta uma proposta alternativa de construção do conhecimento. Iniciaremos o trabalho com uma contextualização do bairro, passando a uma apresentação do grupo de pesquisa, destacando a questão do pesquisador nativo, seguida de uma discussão sobre a metodologia, com a consideração de seus potenciais e desafios.

O bairro Maré é localizado próximo às principais vias de acesso à cidade do Rio de Janeiro, já que se situa entre a Av. Brasil, principal porta de entrada da cidade, a Linha Vermelha, via expressa que liga o Aeroporto Internacional Tom Jobim à Zona Sul, onde localizam-se, por exemplo, os bairros de Copacabana, Leblon, Ipanema, entre outros; a Linha Amarela, que liga o subúrbio à Zona Oeste, mais especificamente à Barra da Tijuca, bairro que aglomera boa parte da elite emergente no município. A Maré é formada por cerca de 132 mil habitantes divididos em 38 mil domicílios e 16 favelas, segundo dados do Censo Maré 2000<sup>1</sup>, atualmente é composta por aproximadamente 19 favelas, que apesar de possuírem formação histórica e sócio-cultural diferentes, foram reunidas em um único bairro através da Lei Municipal nº. 2.119 de 19 de janeiro de 1994. Segundo Francisco Marcelo da Silva (2009):

até hoje ainda traz consigo a denominação pejorativa e preconceituosa de *Complexo* da Maré. Denominação essa que é fortalecida e reproduzida pelas instituições públicas que teimam em não reconhecerem o decreto municipal de 1994 que elevou a Maré ao status de bairro.

Conforme dados fornecidos pelo acervo do Museu da Maré<sup>2</sup> (2010) a ocupação do espaço onde hoje se localiza o bairro dar-se-á por volta da década de 40, em virtude do crescimento do centro urbano do Rio de Janeiro e a retirada dos pobres dessas regiões centrais da cidade e dos bairros mais valorizados, principalmente nos anos 60 durante o governo estadual de Carlos Lacerda (1961-1965) que forçou essa migração. Neste contexto, as áreas suburbanas de antigas chácaras e locais alagadiços como mangues, são ocupados por trabalhadores pobres do Rio de Janeiro e outras regiões do país como norte, nordeste e do restante da região sudeste.

Essa composição multicultural proporciona uma grande diversidade na produção artística e principalmente musical. Tal multiculturalismo é o foco de trabalho do grupo Musicultura que se propõe a investigar através da etnomusicologia o universo musical como ponto de partida para o estudo mais amplo da sociedade.

O grupo Musicultura é um grupo de estudo e pesquisa em etnomusicologia situado em uma das favelas que compõem o bairro Maré, interessado, principalmente, na música da própria

---

1 Este Censo, publicado em 2002, foi realizado pela Organização Não Governamental Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Prefeitura do Rio de Janeiro, o Instituto Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) e a Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE).

2 Fundado em 2006, surgiu a partir do desejo dos moradores de terem o seu lugar de memória e reflexão sobre as referências dessa comunidade, das suas condições e identidades, de sua diversidade cultural e territorial. O Museu da Maré é um conjunto de ações voltadas para o registro, preservação e divulgação da história das comunidades da Maré, em seus diversos aspectos, sejam eles culturais, sociais ou econômicos.

comunidade. Ele surgiu através de uma parceria entre o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM, ONG formada por moradores locais, e o Laboratório de Etnomusicologia da Escola de Música da UFRJ, a partir do projeto “Samba e Coexistência”. É formado por estudantes de nível médio provenientes de escolas públicas e alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de graduação em diversas áreas<sup>3</sup> e de pós-graduação, apoiados pelo CNPq e Faperj. Inicialmente, o referido projeto foi estruturado em três fases: 1- formação, 2- pesquisa e 3- montagem do acervo. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, entretanto, o grupo decidiu que o samba não seria o único objeto de estudo, por ser evidente a importância de sua relação com outros estilos, e optou por abranger em sua pesquisa outras práticas musicais locais. O projeto foi então reformulado e adotou o título de Música Memória e Sociabilidade na Maré, com o grupo se auto-intitulando Musicultura. Outra modificação do plano original, também determinada pelo curso da pesquisa, foi o fato de as três fases descritas não serem desenvolvidas numa ordem cronológica, e sim de forma simultânea.

O projeto tem identificado, documentado e refletido sobre diferentes estilos e gostos musicais, capacitando os jovens participantes em leitura e discussão de textos acadêmicos com base na pedagogia de Paulo Freire onde a educação envolve um ato político (Freire, 1970) portanto um trabalho coletivo, que reeduca todos os sujeitos e atores envolvidos. Esta perspectiva paulofreireana de educação permite que os indivíduos tornem-se participantes e sujeitos atuantes no seu processo de aprendizagem, potencializando as habilidades de cada um. Ao mesmo tempo em que constroem o conhecimento coletivo, através de ferramentas como a autonomia e o diálogo, apropriam-se do conhecimento que trazem usando-o a seu favor e nos diferentes lugares, pois acima de tudo o que se propõe é uma formação social. O formato de pesquisa que utilizamos traz consigo algumas dificuldades vivenciadas pelo grupo, as quais nos direcionam constantemente a novas reflexões e reformulações da nossa prática educativa, o que torna o nosso processo de construção de conhecimento maior em demanda de tempo e dedicação, porém, com maior aprofundamento e assimilação diferenciando-nos de outras propostas e ideias que encontramos hoje em projetos de pesquisa e extensão universitária. O trabalho colaborativo não tem a dimensão de levar conhecimento ou apenas estender-se à comunidade, mas sim construir junto com ela, contribuindo para a sociedade acadêmica e local. O grupo desenvolve atividades de pesquisa em uma área estigmatizada pelo desemprego, tráfico de drogas e pela violência associada à repressão policial. Dentro deste contexto, o grupo propõe a discussão e reflexão desses temas a partir dos principais participantes desta história – os moradores do bairro Maré.

É propósito do projeto realizar um mapeamento das práticas musicais locais e incentivar a reflexão acerca das mesmas, organizando um acervo que sirva a seus residentes através de consultas no local, exposições itinerantes e em eventos comunitários específicos. A partir do mapeamento dos costumes musicais locais e de registros variados (entrevistas, gravações em áudio, audiovisual, recortes de jornais e revistas, textos diversos, sem esgotar a lista) um

---

3 Em 2010, música, fonoaudiologia, história, pedagogia, física, biologia, ciências sociais, dança e serviço social.

banco de dados foi elaborado e é continuamente atualizado. Nele constam informações sobre compra e venda de música em diferentes suportes, projetos de educação artística, músicos da comunidade, plateias, além de materiais doados espontaneamente pelos moradores do bairro.

Uma vasta literatura do campo das ciências sociais e outras indicam<sup>4</sup> que a reflexividade envolvida no processo etnográfico deixou de ser exclusividade do etnógrafo. Isso informa que a velha fórmula de distinção entre nativo e etnógrafo deve ser reavaliada, inclusive, sinalizando um possível abandono dos termos.

O reconhecimento da posição de subalternidade dos “nativos” (ou de “opressão”, nos termos de Paulo Freire) levou ao desenvolvimento, por parte de estudiosos do Terceiro Mundo, de diversas formas de pesquisa participativa que prevêem o trabalho em conjunto de pesquisadores “profissionais” e de pessoas das comunidades “pesquisadas”. Juntos, eles definem as questões a serem abordadas, os conceitos mais adequados para sua análise, colhem informações e buscam soluções para os problemas que originaram a pesquisa. Nesse tipo de pesquisa, a participação é tanto aquela das pessoas dos grupos “pesquisados” quanto aquela dos pesquisadores. Uma pesquisa assim concebida, que compreende uma importante dimensão política, de ação, não tem por objeto o “outro” (que estaria também na posição de “sujeito” da pesquisa) e sim a realidade em que ambos (pesquisador e comunidade) interagem (e dialogam) e que, nos termos de Freire, os “mediatiza”. (CAMBRIA, 2008: p.203)

Definitivamente, o etnógrafo não é o único capaz de estabelecer relações de sentido.

De maneira direta, como bem colocou Eduardo Viveiros de Castro (2002, p. 116), “O conhecimento do sujeito não significa o desconhecimento do objeto”. É nesse sentido que muitos antropólogos defendem a inversão dos procedimentos subentendidos na noção de observação participante. Nessa, a observação do “outro” é o foco central, sendo a participação apenas um meio para se alcançar o objetivo principal. Na participação observante, ao contrário, o foco não é o “outro”, mas as relações desenvolvidas entre o pesquisador e esse “outro”, isto é, o primado é da participação e não da observação. (Lassiter, 2005).

Dessa forma, no grupo Musicultura, a relação entre músico, morador e pesquisador é estreita, pois alguns dos pesquisadores do grupo desempenham pelo menos mais de um dos demais perfis listados, sendo que outros, em menor número, atendem a todos eles.

Uma preocupação freqüente nas discussões do grupo é a reflexão sobre questões colocadas pelo senso comum como verdades sobre as favelas, qual seja: “favelado só gosta ou só ouve funk e pagode”; “favela é lugar de marginal”; “favelados são potenciais artistas que precisam apenas ser lapidados”; também a frase proferida por Sergio Cabral, governador do Estado do Rio de Janeiro em entrevista ao portal G1, da Rede Globo, em 2007: “Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal” (Portal G1, 2010). “Esses e outros ingredientes fazem com que a Maré seja, muitas vezes, assimilada a partir de estereótipos. Sendo assim, freqüentemente, os moradores são tratados como potenciais ameaças, repetindo a velha fórmula que associa pobreza à periculosidade. Outras vezes, pelo

4 Por exemplo, cf. ARAUJO, S. et al., 2006b.

contrário, há uma tentativa de assimilar os favelados a partir de determinadas qualidades exóticas, como se elas lhes fossem inatas como, por exemplo, uma natural aptidão para a música ou futebol”. (Silva, 2009)

Essas são apenas algumas imagens estereotipadas criadas em torno dos territórios favelizados da cidade que vão muitas vezes de um extremo ao outro, ora tratando o favelado como ameaça, ora como vítima.

A partir dessas reflexões encontramos motivação para começar a dialogar com as práticas musicais do bairro usando aspectos quantitativos e, assim, complementando as observações feitas até então pelo grupo, quando se valia principalmente de observações participantes.

As pesquisas que vínhamos produzindo até o ano de 2006/2007 não estavam preocupadas em responder perguntas tais como: qual é ou quais são as músicas que estão mais presentes na Maré? Entretanto, em várias oportunidades, após apresentarmos nossos trabalhos em fóruns acadêmicos ou não-acadêmicos, essas e outras perguntas de teor mais quantitativo apareciam e, quase sempre, não sabíamos responder com precisão.

Diante disso, começamos a desenhar uma nova pesquisa que pudesse responder essas e outras perguntas sobre as preferências de gosto e consumo musical dos moradores. Esse trabalho seria, portanto, uma oportunidade de complementar nossos olhares sobre a música mareense e ser, simultaneamente, uma nova fase em nossa formação.

Durante a etapa de formação – cerca de seis encontros realizados de março a junho de 2006 – com o apoio de Dalcio Marinho, professor de geografia e estatística da Universidade Federal Fluminense, discutimos acerca da metodologia de pesquisa utilizada pelo IBGE, como se dá a construção de uma amostra, como se dá a seleção de entrevistados (que critérios usar), as margens de erro, a diferença entre uma amostra probabilística e uma não probabilística, diferenças entre amostra e censo, a importância da aleatoriedade na pesquisa, diferença entre pesquisa em população finita e infinita, qual seria a cobertura de nossa pesquisa e como seria a abordagem ao entrevistado, etapa importante no diálogo com a comunidade.

Decidimos pela pesquisa amostral, definindo cotas relativas a gênero (quantidade de homens e mulheres proporcional à população local) e idade (estratificados a partir de 15 anos) de acordo com o Censo Maré 2000. Logo em seguida, escolhemos Nova Holanda e Baixa do Sapateiro como os lugares a se pesquisar, em função de termos sobre os mesmos uma quantidade maior de anotações de pesquisa etnográfica.

Em um segundo momento, através de discussões e decisões coletivas foram elaboradas as 24 perguntas presentes no questionário, 17 referentes ao gosto musical e outras 7 sobre o perfil dos entrevistados. De junho a agosto de 2006, foram aplicados todos os 931 questionários. Para isso, foram necessárias em média duas idas a campo por comunidade para cada entrevistador. A equipe foi dividida em ruas estratégicas, com a presença de três pesquisadores em cada uma delas. Em cada comunidade havia nove ruas

sendo cobertas. No total, eram 27 entrevistadores em campo.

Durante os meses de setembro e outubro de 2006, nos detivemos à revisão geral dos questionários. Nesta fase, os questionários foram recontados e separados em cotas. Alguns entrevistadores tiveram que retornar ao campo, para completar suas entrevistas. Fizemos também uma revisão de erros simples, como falhas na numeração das questões, e descartamos eventuais questionários que não estavam corretos, por exemplo, alguns além do limite estipulado por faixa etária.

Na fase de revisão crítica, relemos questão a questão, nos atendo aos detalhes e, coletivamente, definimos que tipo de correção poderia ser feita no questionário, para facilitar na fase posterior, a digitação. Por exemplo, o nome do cantor é Zeca Baleino, como registrado na resposta, ou Zeca Baleiro, artista conhecido? O grupo, a partir disso, debateu se corrigiria ou deixaria do jeito que estava escrito; optando por manter os dois nomes seria necessário criar um novo código, pois se tratava de admitir a existência de dois artistas diferentes.

Esta fase gerou bastante discussão no grupo. E, como foi construída coletivamente, levou um tempo próprio de execução, diferente da pesquisa tradicional, geralmente coordenada por um só pesquisador, que assumirá individualmente a responsabilidade pelos resultados.

Não podemos deixar de mencionar que uma das maiores dificuldades que encontramos nesse formato de pesquisa que nos propomos a realizar, é a relação tempo/ produtividade/ adaptação de cada membro com o grupo, ou seja, por ser um trabalho de construção coletiva, demanda um tempo superior aos prazos que normalmente nos é exigido, pois existe uma dificuldade, que muitas das vezes está relacionada à inserção de novos integrantes no grupo e na desconstrução do pensamento individualista construído pela atual sociedade que valoriza muito mais o produto final sem se preocupar com o processo. Juntamente a isto, temos que ter a preocupação constante de desconstruir as figuras de opressor/oprimido que cada integrante traz consigo, e que constantemente é reforçada nos meios sociais além do grupo em que vivemos.

Essas dificuldades são estendidas aos diversos desdobramentos que a pesquisa abrange, incluindo nesse caso a conclusão e divulgação das análises dos dados.

No primeiro semestre de 2010 concluímos dois momentos importantes da pesquisa, a fase de codificação dos questionários (feita também de modo coletivo) e a digitação dos mesmos. Durante esse período estivemos concentrados no processo de análise dos dados obtidos, processo esse que, inevitavelmente, foi simultâneo ao momento da codificação. Selecionamos dois dados entre os que mais se sobressaíram.

O pagode é sempre o mais citado nas faixas etárias até os 50 anos. De 50 a 59, o tipo mais citado é a música romântica e, acima de 60, é o samba. Portanto, o gosto pelo pagode, cuja popularidade é mais recente, aparece com menos frequência à medida que a idade dos entrevistados avança.

Outra situação ocorreu diante das perguntas: “Que tipo de música ou artista você acha que as pessoas mais ouvem na Maré?” e “Que tipo de música você mais gosta?”. À primeira pergunta, 61,82% das pessoas responderam funk (ou funk junto a outro estilo) e 23,53% responderam pagode (ou pagode junto a outro estilo). Já quando perguntadas sobre que tipo de música elas mais gostam, as mesmas pessoas responderam: 24,94% pagode; 12,68% gospel e evangélica; 12,25% MPB, e a lista segue até chegar ao funk com 6,61%.

Ao analisar esses dados, temos então uma aparente contradição entre o que as pessoas dizem ouvir, e o que acham que a maioria das pessoas ouve. A maioria respondeu que o que mais se ouvia na comunidade era funk, mas nem tantos assim o citaram como música de sua preferência.

Apresentaremos então duas possíveis leituras sobre essa discrepância: um fator que poderia ter influenciado a resposta das pessoas é o “estigma” atribuído à favela, como sendo um local da desordem, realidade que deveria ser extinta. Desta forma, são socialmente criados externa e internamente estereótipos em relação à música que representa a favela, como acontecido anteriormente com o samba e hoje com o funk. Portanto, muda-se o estereótipo, permanece o estigma. É importante lembrar também que este estigma tem a ver com a visibilidade que estes gêneros musicais recebem quando ganham proporção para além das favelas. Em outras palavras, poucos “assumem” gostar de funk, afirmando: “Todo mundo gosta de funk, mas eu não”. Outra explicação pode ser a diferença entre escuta “pessoal” e “o que se ouve nas ruas”. A pergunta “o que mais se ouve na Maré?” pode ser interpretada alternativa ou simultaneamente como: “o que mais se ouve nas ruas da Maré?” pois, geralmente ouve-se funk em volume muito alto.

Um trabalho como esse, uma pesquisa quantitativa sobre gosto e acesso à música, concebida pelos moradores do espaço pesquisado, possui, ao que nos consta, um caráter inédito em pesquisa musical. Dessa forma, acreditamos que essa é uma experiência que tanto a academia como órgãos de gestão cultural poderiam usar como referência para produção de indicadores.

Esse trabalho também permitiu a continuação do diálogo do grupo Musicultura com o ambiente acadêmico. O processo de análise dos dados codificados foi feito junto a um estatístico do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ, Ronir Raggio, que ministrou uma formação em um software apropriado para a tarefa. Além disso, recentemente fomos convidados para escrever um artigo em um livro sobre economia da música organizado pelo professor da Escola de Comunicação da UFRJ, Micael Herschmann.

O diálogo com a comunidade também rendeu novas situações. As informações recolhidas sobre o funk nos estimularam a complementar nosso olhar sobre essa prática com mais pesquisas etnográficas, o que na prática significa que abrimos um canal de interlocução com funkeiros locais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Samuel et al. A violência como conceito na pesquisa musical: reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré. **Revista Transcultural de Música**, Barcelona, n. 10, dez. 2006. Disponível em <http://www.sibetrans.com/trans/trans10/indice10.htm>. (Último acesso: 23/22/2010)

ARAÚJO, Samuel. From neutrality to praxis: the shifting politics of ethnomusicology in the contemporary world. **Musicological Annual**, Ljubljana, no. 44, p. 13-30, 2008.

CAMBRIA, Vincenzo. Diferença: uma questão (re)corrente na pesquisa etnomusicológica. **Música & Cultura** n°3, 2008. (Periódico eletrônico indexado, disponível em [www.musicaecultura.ufba.br](http://www.musicaecultura.ufba.br). Último acesso: 03/03/2009)

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O nativo relativo. **Mana**, Museu Nacional da UFRJ, v. 1, n. 8, p. 113-148, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000100005&script=sci_arttext) (Último acesso: 23/11/2010)

FREIRE, Paulo.  
1970 **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1970.

LASSITER, Luke E. **The Chicago guide to collaborative ethnography**. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

SILVA, Francisco Marcelo da. **Projetos de integração social de comunidades**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Altos Estudos, 2009.

SILVA, Sinesio Jefferson Andrade. **Memória dos sons e os sons da memória: uma etnografia musical da Maré**. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, 2009.

## PÁGINAS WEB CONSULTADAS

Museu da Maré  
[http://www.museudamare.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&id=103&Itemid=124](http://www.museudamare.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=103&Itemid=124)

Portal G1  
<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL155710-5606,00-CABRAL+DEFENDE+ABORTO+CONTRA+VIOLENCIA+NO+RIO+DE+JANEIRO.html>